



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia
– Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia

Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial,
Acompanhamento Setorial, Panorama da Indústria e
Análise da Política Industrial

BOLETIM DE CONJUNTURA INDUSTRIAL

Março de 2010

A análise da conjuntura econômica e industrial brasileira no último trimestre de 2009 mostrou a persistência da recuperação, sustentada pelo comportamento positivo da demanda interna. Observou-se um movimento favorável da produção industrial, porém acompanhado por um desempenho preocupante do comércio externo brasileiro. Por sua vez, a análise dos dados relativos a janeiro de 2010 aponta para perspectivas mais promissoras para o ano corrente, principalmente no que se refere aos investimentos, à produção e ao emprego formal.

O desempenho da economia e da indústria brasileira no quarto trimestre de 2009

A recuperação da economia brasileira persistiu no último trimestre de 2009. Houve crescimento de 1,8% no quarto trimestre comparado ao terceiro trimestre do ano passado, levando-se em conta o ajuste sazonal (Tabela 1). O comportamento da economia brasileira também foi positivo no último trimestre do ano passado com relação ao mesmo período do ano anterior: o Produto Interno Bruto (PIB) apresentou aumento (3,9%), mostrando reversão de seu movimento descendente observado no trimestre anterior. A economia brasileira encerrou com queda de 0,2% o ano de 2009. O resultado acumulado no ano carregou a influência negativa do comportamento da formação bruta de capital fixo e da demanda externa, que se concretizou no encolhimento da taxa de investimento e das exportações, como era esperado por conta dos efeitos adversos da crise mundial sobre as variáveis citadas.

Tabela 1 – Taxa de Variação do PIB por Atividades e por Componentes da Demanda (III/2009 e IV/2009) (Em %)

	Taxa trimestral contra mesmo trimestre do ano anterior		Taxa trimestral contra trimestre imediatamente anterior(*)	
	III/2009	IV/2009	III/2009	IV/2009
Agropecuária	(9,0)	(4,6)	(2,1)	0,0
Indústria	(6,9)	4,0	3,0	4,0
Extrativa Mineral	(2,0)	5,6	-	-
Transformação	(7,9)	4,7	-	-
Construção Civil	(8,4)	2,5	-	-
Eletricidade, gás e água	(3,3)	1,4	-	-
Serviços	2,1	4,6	1,4	0,6
PIB a preço básico	(1,1)	3,9	1,4	1,8
PIB a preços de mercado	(1,2)	4,3	1,7	2,0
Despesa de consumo das famílias	3,9	7,7	2,4	1,9
Despesa de consumo da administração pública	1,6	4,9	0,6	0,6
Formação bruta de capital fixo	(12,5)	3,6	6,7	6,6
Exportação de bens e serviços	(10,1)	(4,5)	0,3	3,6
Importação de bens e serviços (-)	(15,8)	2,5	2,9	11,4

(*) Com ajuste sazonal.

Nota: Os dados incorporam a revisão da série histórica realizada e divulgada pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados analisados nos boletins de conjuntura industrial anteriores. Dados do 4º trimestre de 2009 são preliminares.

Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

A persistência do crescimento da demanda interna foi fundamental no último trimestre do ano passado, evitando a deterioração do desempenho da economia brasileira no período. A liderança do movimento favorável da demanda interna no quarto trimestre comparado ao terceiro trimestre do ano, considerando-se o ajuste sazonal, esteve com a formação bruta de

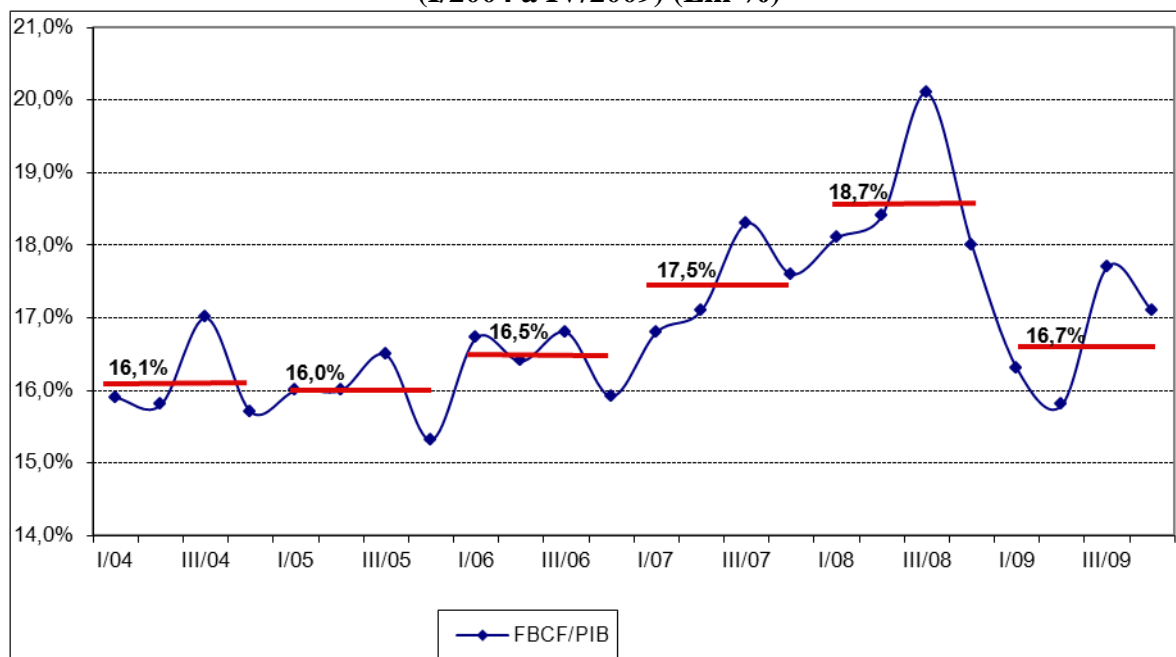
capital fixo (6,6%), com positiva embora menor participação do consumo das famílias (1,9%) (Tabela 1). A recuperação dos investimentos deve ser considerada a melhor notícia do último trimestre do ano, principalmente tendo em vista sua preocupante contração no auge da crise financeira internacional. A despesa de consumo da administração pública também contribuiu de forma positiva (0,6%) para o resultado final, embora tenha mantido um patamar bastante reduzido no mesmo período.

Resta frisar a contribuição positiva da demanda externa, representada pelo comportamento das exportações, para o desempenho da economia no quarto trimestre do ano passado. Destaca-se a recuperação do comportamento das exportações na comparação com o resultado do trimestre imediatamente anterior, quando atingiu uma taxa de crescimento positiva, embora bastante reduzida. As exportações apresentaram um aumento de 3,6% com relação ao terceiro trimestre do ano, ao passo que as importações vivenciaram um expressivo crescimento de 11,4%, em ritmo muito mais intenso se comparado ao de trimestres anteriores.

Na comparação de dados do último trimestre de 2009 com os do mesmo trimestre de 2008, observam-se movimentos diferenciados. De um lado, houve aceleração do crescimento do consumo das famílias (para 7,7%) e do consumo da administração pública (para 4,9%). De outro lado, destacou-se a reversão do comportamento negativo da formação bruta de capital fixo (para 3,6%). Assim sendo, os investimentos conseguiram superar o desempenho persistentemente descendente observado nos primeiros trimestres do ano passado comparados aos mesmos períodos do ano anterior. Percebeu-se, por fim, a desaceleração da contração do setor externo no último trimestre, reforçando a tendência observada ao longo de todo o ano passado (Tabela 1).

A taxa de investimento sofreu pequena redução no quarto trimestre ao atingir o nível de 17,1% depois de ter alcançado 17,7% no terceiro trimestre (Gráfico 1). No ano passado, a taxa média de investimento foi de 16,7%, voltando a um patamar próximo do nível médio alcançado em 2006 (16,5%). Vale ressaltar que o último trimestre do ano tende a apresentar uma redução na taxa de investimento, como pode ser observado no gráfico. Assim, mesmo que ainda não se tenha conseguido recuperar o desempenho observado no período que precedeu a eclosão da crise mundial, a taxa de investimento apresenta perspectivas positivas para o ano corrente, com base no comportamento esperado da formação bruta de capital fixo, que deverá refletir o significativo esforço de promoção dos investimentos que tem sido empreendido no país ao longo dos últimos meses.

**Gráfico 1 – Evolução da Taxa de Investimento
(I/2004 a IV/2009) (Em %)**



Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

Do ponto de vista das atividades econômicas, confirma-se a recuperação da indústria no último trimestre de 2009. De fato, comparando os dados do quarto com os do terceiro trimestre do ano por setor de atividades, observou-se o crescimento da indústria (4,0%) e da atividade de serviços (0,6%), que se diferenciou da estagnação da agropecuária (Tabela 1). Observa-se também o comportamento favorável da indústria brasileira (4,0%), tanto da extrativa (5,6%) quanto da indústria de transformação (4,7%) na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior.

Os dados de produção física da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE) confirmam que a produção da indústria brasileira conseguiu apresentar um desempenho positivo no último trimestre do ano passado. Verificou-se aumento da produção na indústria de transformação (6,0%), extrativa (3,0%) e, portanto, na indústria geral (5,8%) no quarto trimestre de 2009 comparado ao mesmo trimestre de 2008 (Tabela 2). Mesmo considerando a fraca base de comparação (quarto trimestre de 2008), que então expressava os efeitos adversos da crise mundial, não se pode ignorar a recuperação dos indicadores de produção no último trimestre do ano, provavelmente sinalizando um caminho virtuoso para a produção física industrial no ano de 2010. No mesmo sentido, devem ser destacadas as taxas de crescimento da produção no quarto trimestre com relação ao terceiro trimestre de 2009 (com ajuste sazonal), que confirmam a manutenção de uma trajetória de crescimento marginal desde o segundo trimestre do ano passado (Tabela 2).

**Tabela 2 – Taxa de Variação da Produção Industrial Brasileira (Em %)
(IV/2008 a IV/2009)**

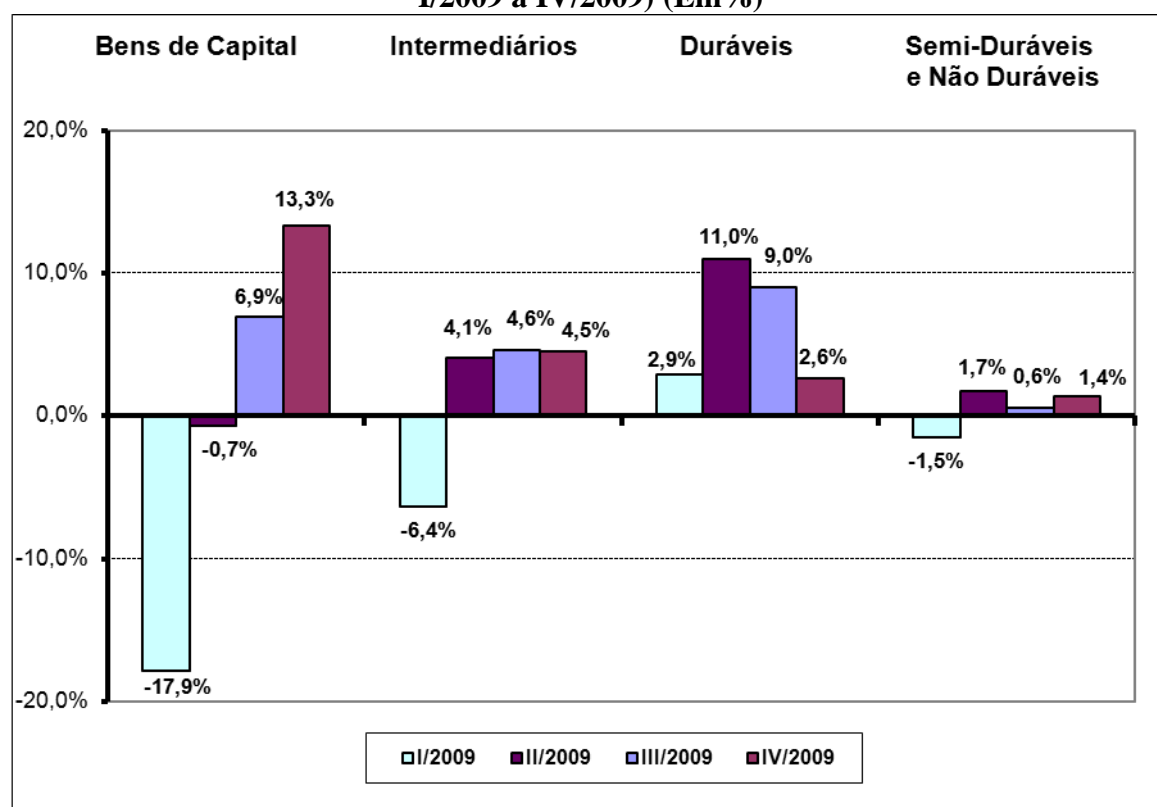
Atividades	IV 2008	I 2009	II 2009	III 2009	IV 2009
Taxa de variação trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior					
Indústria Geral	(6,3)	(14,6)	(12,3)	(8,2)	5,8
Indústria Extrativa	(6,5)	(15,8)	(11,7)	(9,9)	3,0
Indústria de Transformação	(6,3)	(14,5)	(12,3)	(8,1)	6,0
Taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)					
Indústria Geral	(10,4)	(6,5)	4,2	4,7	3,6
Indústria Extrativa	(11,1)	(7,8)	4,9	3,9	2,5
Indústria de Transformação	(10,3)	(5,7)	3,5	4,3	4,0

Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

A análise da produção industrial por categorias de uso aponta para a generalização do desempenho positivo da produção no quarto trimestre de 2009 (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso
(taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior –
I/2009 a IV/2009) (Em%)**



Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

O setor de bens de capital se destacou por ter apresentado um aumento significativo da produção física no quarto trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2009, considerando o ajuste sazonal (13,3%). Isto certamente contrastou com o movimento de contração de sua produção observado nos dois primeiros trimestres do ano passado, especialmente com a expressiva redução ocorrida no primeiro trimestre em meio ao cenário de acirramento da crise mundial. Observando as taxas de variação mensais em relação aos meses imediatamente anteriores (com ajuste sazonal), pode-se afirmar que a produção de bens de

capital conseguiu iniciar a reversão de seu comportamento descendente com relativo atraso (somente a partir de abril) na comparação com as demais categorias de uso, porém de forma mais consistente e vigorosa até o final do ano, com destaque para o crescimento nos meses de setembro, outubro e novembro, quando a produção de bens de capital manteve taxas mensais tendendo a ou mesmo superiores a 5% (PIM-PF/IBGE). Portanto, destacou-se a recuperação da produção de bens de capital, especialmente a partir do segundo semestre do ano passado, emitindo sinais bastante positivos para o ano corrente.

As demais categorias de uso também mantiveram taxas de variação da produção positivas no último trimestre, seguindo o desempenho observado nos dois trimestres anteriores (Gráfico 2). Considerando a orientação da produção brasileira de bens intermediários para o mercado externo, a sustentação de seu crescimento no quarto trimestre comparado ao terceiro trimestre de 2009 (4,5%) deixa entrever o aproveitamento de um cenário menos adverso da demanda externa por insumos básicos, para o qual tem certamente contribuído a demanda chinesa. Além disso, deve-se lembrar que a sustentação da demanda interna tem constituído um estímulo adicional à produção de bens intermediários, que deverá trilhar um caminho mais promissor no ano corrente na medida em que os setores demandantes consigam manter suas próprias trajetórias de crescimento.

Por sua vez, a produção de bens de consumo duráveis, que havia vivenciado crescimento bastante expressivo nos trimestres anteriores, acabou apresentando uma taxa reduzida embora positiva de 2,6% no último trimestre em relação ao terceiro trimestre do ano passado, considerando o ajuste sazonal (Gráfico 2). A comparação da produção de bens duráveis dos meses de novembro e dezembro com a dos meses imediatamente anteriores confirma a perda de dinamismo dessa categoria de uso analisada no final do ano passado (quedas de -4,9% e -5,5%, respectivamente – PIM-PF/IBGE). Para a desaceleração nos dois últimos meses do ano contribuiu a redução gradativa dos estímulos à produção de duráveis adotados pelo governo brasileiro, que incluíram, como destacado em boletins anteriores, a desoneração por tempo determinado do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) direcionada aos setores automotivo e de eletrodomésticos de linha branca. Ademais, observou-se uma queda expressiva da produção de outros equipamentos de transporte nos meses de novembro e dezembro com relação aos meses imediatamente anteriores, contribuindo para o fraco desempenho da produção dos bens duráveis no mesmo período.

A produção de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis não sofreu de forma tão aguda os impactos da crise mundial, considerando sua limitada dependência da disponibilidade de crédito para o consumo. No entanto, tem mantido taxas de crescimento trimestral muito tímidas: o aumento foi de apenas 1,4% no quarto trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2009, com ajuste sazonal (Gráfico 2).

Detalhando os dados de produção física por atividade industrial, destacam-se taxas de crescimento em diversos setores industriais no quarto trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2009 – 21 dos 27 setores incluídos na PIM-PF/IBGE.

Os setores que lideraram o crescimento marginal no último trimestre do ano passado foram veículos automotores (13,5%), máquinas e equipamentos (10,8%) e produtos de metal (exclusive máquinas e equipamentos) (9,8%). Os veículos automotores haviam mostrado recuperação e liderança do crescimento no segundo trimestre comparado ao primeiro trimestre do ano passado (13,5%), incentivados pelos estímulos fiscais do governo, e continuaram a apresentar crescimento, embora relativamente mais tímido no terceiro trimestre (7,0%) e mais vigoroso no último trimestre do ano (13,5%), mesmo com a perda marginal nos meses de novembro e dezembro, que não conseguiu ofuscar o desempenho bastante positivo do mês de outubro. Por sua vez, o setor de máquinas e equipamentos havia

apresentado um crescimento modesto no segundo trimestre (2,7%), mas vinha mostrando sinais concretos de recuperação desde o terceiro trimestre (15,9%), que se confirmou no último trimestre do ano passado (10,8%).

Concluindo a análise dos últimos dados trimestrais de produção física disponíveis, confirmam-se as boas perspectivas para a indústria brasileira no ano corrente, principalmente ao se considerar o excelente desempenho da produção de bens de capital (apesar da perda de ímpeto do crescimento da produção de duráveis) no último trimestre do ano passado. O esforço dos setores público e privado no sentido da recuperação dos investimentos e da sustentação da produção industrial tem apresentado resultados concretos, cuja confirmação depende do comportamento das expectativas empresariais no que se refere ao movimento da demanda em futuro próximo. Como destacado em boletins anteriores, a redução dos juros reais e a recomposição do crédito poderiam gerar estímulos adicionais à sustentação dos investimentos e da produção industrial. O recente aumento dos depósitos compulsórios sinaliza a opção do governo pela retirada dos estímulos implementados logo após o início da crise. A reação do crédito às medidas adotadas poderá afetar de forma adversa a produção industrial, assim merecendo uma atenção especial por parte dos formuladores da política econômica.

As dificuldades enfrentadas pela produção industrial brasileira no ano passado (2009), especialmente concentradas nos primeiros trimestres, se refletiram no comportamento do emprego formal. Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE)¹ mostram a criação de somente 7 mil vagas na indústria brasileira em 2009, praticamente divididas entre as indústrias de transformação e extrativa (Tabela 3). Isto significa uma clara perda de dinamismo na criação de emprego formal pela indústria na comparação com os anos anteriores. Este número de vagas criadas em todo o ano passado foi extremamente reduzido por conta tanto da enorme perda verificada no primeiro trimestre (-147 mil), acompanhando o encolhimento industrial no cenário pós-crise, quanto da perda de vagas no último trimestre (-52 mil), especialmente no mês de dezembro (-162 mil), período geralmente marcado por desligamentos de trabalhadores. Cumpre notar, no entanto, que a perda de vagas no último trimestre foi certamente menor do que a observada nos mesmos trimestres dos anos anteriores, provavelmente atenuada pela recuperação em curso da produção industrial.

Tabela 3 – Criação de Vagas e Massa Salarial das Contratações Líquidas na Indústria Brasileira (I/2007 a IV/2009)

Ano	Criação de Vagas					Massa de Salários de Contratações Líquidas (em R\$ mil de dez/09*)				
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	Total	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	Total
2007	108.986	188.246	175.903	(86.531)	386.604	18.489	62.287	50.992	(105.616)	26.152
2008	153.090	167.668	193.793	(348.295)	166.256	65.742	59.930	63.728	(351.826)	(162.426)
2009	(146.761)	2.578	203.323	(52.009)	7.131	(291.288)	(145.245)	35.779	(99.871)	(500.626)

*Dados deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

A massa de salários de contratações líquidas² na indústria brasileira sofreu grande encolhimento em 2009, repetindo com maior intensidade o comportamento negativo observado em 2008 (Tabela 3). Constata-se perda de massa salarial mesmo com ganho de

¹ O CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/desligamento de empregados formais no período pesquisado, com cobertura censitária. Os dados foram organizados com base na nova CNAE 2.0.

² Estimada pela diferença entre a massa de salários dos trabalhadores admitidos e dos desligados na indústria.

emprego formal na indústria no ano passado, acompanhados de redução do salário médio do estoque de trabalhadores na indústria extrativa e de transformação. A diferença entre os salários médios dos trabalhadores admitidos e dos desligados manteve-se negativa, porém se reduziu ligeiramente em termos absolutos, ao longo do ano. A contração da massa salarial localizada no último trimestre de 2009 acompanhou a perda líquida de empregos verificada no mesmo período. Isto significou a reafirmação de sua trajetória descendente observada nos trimestres anteriores. A retomada de um movimento favorável da massa salarial continuará dependendo da eventual recuperação de uma trajetória de crescimento dos salários médios de contratação em cenário de sustentação da produção industrial ao longo do ano corrente.

Os dados do comércio externo brasileiro revelam um saldo comercial positivo de US\$ 25,3 bilhões em 2009. Detalhando os dados do quarto trimestre, percebe-se que o superávit comercial foi ligeiramente superior a US\$ 4 bilhões, quando as exportações atingiram o patamar de US\$ 41,2 bilhões e as importações US\$ 37,1 bilhões (FUNCEX).

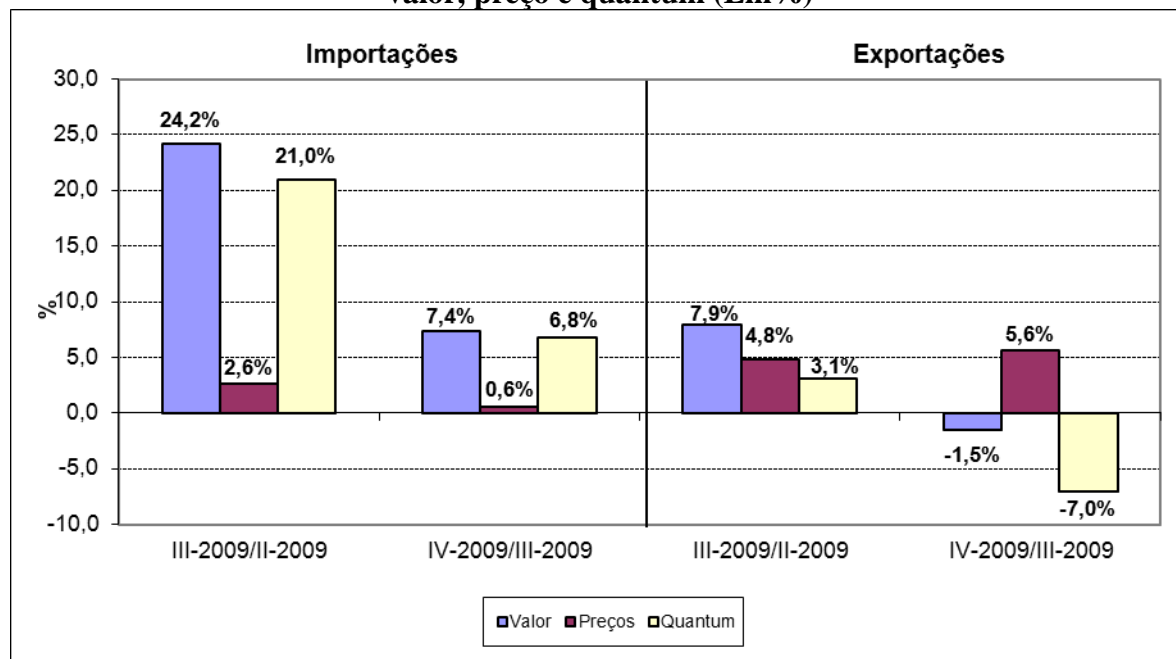
Observa-se a tendência de deterioração do superávit comercial trimestral ao longo do ano passado considerando os saldos positivos de quase US\$ 11 bilhões no segundo trimestre e de US\$ 7,3 bilhões no terceiro trimestre. Houve queda de 43,7% do superávit comercial no último trimestre comparado ao terceiro trimestre de 2009. Este resultado decorreu principalmente da trajetória expansionista das importações no segundo semestre. O crescimento das importações conseguiu, por um lado, superar o movimento ascendente das exportações no terceiro trimestre e, por outro, contrastou com o encolhimento das exportações no quarto trimestre do ano. A retomada da atividade importadora brasileira esteve relacionada à sustentação da demanda interna e ao revigoreamento da produção doméstica, enquanto a atividade exportadora tem sido prejudicada pela lenta e tímida recuperação da demanda externa, principalmente em mercados consumidores relevantes, como Estados Unidos e União Européia, e pelo decorrente redirecionamento da produção para o mercado interno. Deve-se lembrar que a valorização da moeda nacional também afetou de forma adversa a balança comercial brasileira no período analisado.

A elevação do valor das importações no terceiro trimestre comparado ao segundo trimestre de 2009 (24,2%) foi liderada pelo aumento das quantidades importadas (21,0%), pois o incremento dos preços dos produtos importados foi reduzido (2,6%) (Gráfico 3). A comparação do quarto com o terceiro trimestre do ano passado mostra um cenário similar com algumas diferenças que devem ser destacadas. O crescimento do valor das importações (7,4%) continuou sendo liderado pelo aumento do quantum importado (6,8%), com reduzido papel da elevação dos preços dos produtos importados (0,6%) (Gráfico 3). No entanto, houve desaceleração do ritmo de crescimento das importações e os principais responsáveis pelo incremento dos valores importados no último trimestre foram os bens de consumo duráveis (24,6%) e não-duráveis (18,5%), deixando transparecer a sustentação do consumo interno, além de uma participação relativamente mais tímida, porém relevante, dos bens de capital (10,1%), refletindo a gradativa recuperação dos investimentos domésticos.

Quanto às exportações, apresentaram crescimento no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre do ano (7,9%) resultante do incremento dos preços dos produtos exportados (4,8%) e da quantidade exportada (3,1%) (Gráfico 3). A comparação do quarto com o terceiro trimestre do ano passado mostra um comportamento diferenciado: houve redução das exportações brasileiras (-1,5%) em decorrência da contração das quantidades exportadas (-7,0%) considerando que os preços dos produtos exportados continuaram crescendo. Observando as diferentes categorias de uso, notou-se o encolhimento dos valores exportados de bens intermediários (-8,1%) decorrente da queda do quantum exportado (-

12,6%) no último trimestre do ano. No que se refere à classe de produtos, destacou-se também a redução dos valores exportados de produtos básicos (-19,0%) causada pela perda de quantidade exportada (-20,8%). Isto mostra as dificuldades enfrentadas pelos produtos brasileiros, principalmente os produtos primários, nos mercados consumidores externos ainda debilitados, contribuindo para a deterioração do resultado comercial externo brasileiro no último trimestre de 2009.

**Gráfico 3 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações:
valor, preço e quantum (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

A análise do comportamento do comércio externo brasileiro no quarto trimestre de 2009 revelou a deterioração do superávit comercial, com significativo aumento das importações, principalmente de bens de consumo e de bens de capital, no contexto de sustentação da demanda interna e de recuperação da produção industrial doméstica. A valorização da moeda nacional desempenhou um papel de estímulo à elevação das importações e de obstáculo adicional à recuperação das exportações de setores e produtos dependentes da ainda debilitada demanda externa.

Partindo do conjunto de informações analisadas, percebeu-se a importância da demanda interna como base para a retomada da economia brasileira, principalmente da formação bruta de capital fixo e do consumo das famílias. A intensificação da retomada dos investimentos deverá assumir um papel essencial para a recuperação da produção e do emprego na indústria brasileira e para a sustentação de um novo ciclo de crescimento.

O desempenho da indústria brasileira em janeiro de 2010

O movimento ascendente da produção da indústria brasileira confirmou-se em janeiro. Houve aumento da produção física da indústria geral e de ambos os segmentos de transformação e de extração em janeiro de 2010 comparado ao mesmo período de 2009: respectivamente, 16,0%, 15,7% e 20,8% (dados PIM-PF/IBGE). Os aumentos verificados em janeiro do ano corrente foram tão vigorosos quanto aqueles de dezembro de 2009 com relação ao mesmo mês do ano anterior.

A análise de dados mensais mostra que a trajetória de recuperação com relação ao ano anterior se iniciou em novembro do ano passado, acelerando-se em dezembro e em janeiro do ano corrente. A medíocre base de comparação localizada nos últimos meses de 2008 e nos primeiros meses de 2009, momento no qual se revelaram os efeitos mais deletérios da crise mundial, explica tão somente uma parte da trajetória ascendente dos dados de produção mensais. Comparando os resultados da produção do mês de janeiro de 2010 com os de dezembro de 2009 (com ajuste sazonal), verificou-se também uma recuperação marginal da produção, mesmo que tímida, da indústria geral (1,1%), da indústria de transformação (0,9%) e da indústria extrativa (2,7%), confirmando o que tão somente se vislumbrava na indústria de transformação (0,3%) e na indústria extrativa (0,9%) na comparação de dados de dezembro com os de novembro do ano passado.

Todas as categorias de uso apresentaram aumento da produção física em janeiro de 2010, cotejando com os dados claramente deprimidos do mesmo mês de 2009. Os bens de consumo duráveis e os bens intermediários lideraram o incremento da produção física no período – respectivamente, 36,4% e 20,2%. A produção de bens de capital também apresentou elevação de 12,8% e a de bens semiduráveis e não-duráveis aumento de 5,8%. Utilizando o mês de dezembro de 2009 como referência, revela-se um reduzido aumento da produção física na maioria das categorias de uso, com base na série com ajuste sazonal, destacando-se tão somente os bens de consumo duráveis (8,6%). Possivelmente, alguns bens duráveis estão iniciando um caminho de recomposição das perdas de produção observadas nos meses anteriores. Os bens de capital foram os únicos a apresentar estagnação da produção no primeiro mês do ano corrente comparado a dezembro do ano passado (-0,1%), o que contrastou com o crescimento marginal observado mês a mês desde abril de 2009.

Grande parte dos setores industriais acompanhados pela PIM-PF apresentou aumento da produção em janeiro do ano corrente com relação ao mesmo mês do ano passado – as principais exceções foram o setor de fumo e de outros equipamentos de transporte. Destacaram-se os ganhos de produção de produtos de metal (43,0%), de veículos automotores (41,4%), de máquinas e equipamentos (34,0%) e de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (33,8%).

Na comparação de janeiro de 2010 com dezembro de 2009, considerando o ajuste sazonal, metade dos setores considerados na pesquisa mensal conseguiu apresentar ganho de produção, com destaque para material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (14,3%) e produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos) (12,0%). Este último também havia liderado, juntamente com os veículos automotores e as máquinas e equipamentos, a expansão da produção no quarto trimestre comparado ao terceiro trimestre de 2009, indicando a consistência de sua trajetória de recuperação. Por sua vez, o setor de material eletrônico e de comunicações somente apresentou crescimento marginal no último mês do ano passado e no primeiro mês do ano corrente, depois de uma preocupante trajetória descendente da produção ao longo do ano. Os veículos automotores e as máquinas e equipamentos apresentaram perdas marginais em janeiro do ano corrente. No caso específico dos veículos, constatam-se perdas mensais desde novembro do ano passado, contribuindo negativamente para o comportamento anteriormente analisado da categoria de uso de bens de consumo duráveis, que conseguiu, todavia, ser sustentado pelo bom desempenho dos outros equipamentos de transporte no mês de janeiro.

O aumento da produção física da indústria geral e dos segmentos de transformação e de extração foi acompanhado por significativa elevação do emprego formal na indústria brasileira no primeiro mês do ano corrente. Os dados de janeiro trazem de volta o movimento ascendente do emprego formal industrial, considerando a criação de

aproximadamente 67 mil vagas na indústria brasileira somente nesse último mês analisado (CAGED/MTE). Isto certamente contrastou com a expressiva perda de emprego formal em dezembro do ano passado, quando o intenso desligamento de trabalhadores foi o principal responsável pela perda de aproximadamente 163 mil vagas na indústria. Mesmo a comparação com o excelente desempenho do emprego formal do mês de janeiro de 2008, quando houve a criação de aproximadamente 60 mil vagas na indústria brasileira, deixa transparecer o vigor de sua recuperação no primeiro mês do ano corrente. Espera-se, portanto, que a confirmação de melhores perspectivas para a atividade econômica e para a produção industrial brasileira contribua de forma direta para a geração de emprego formal ao longo de 2010.

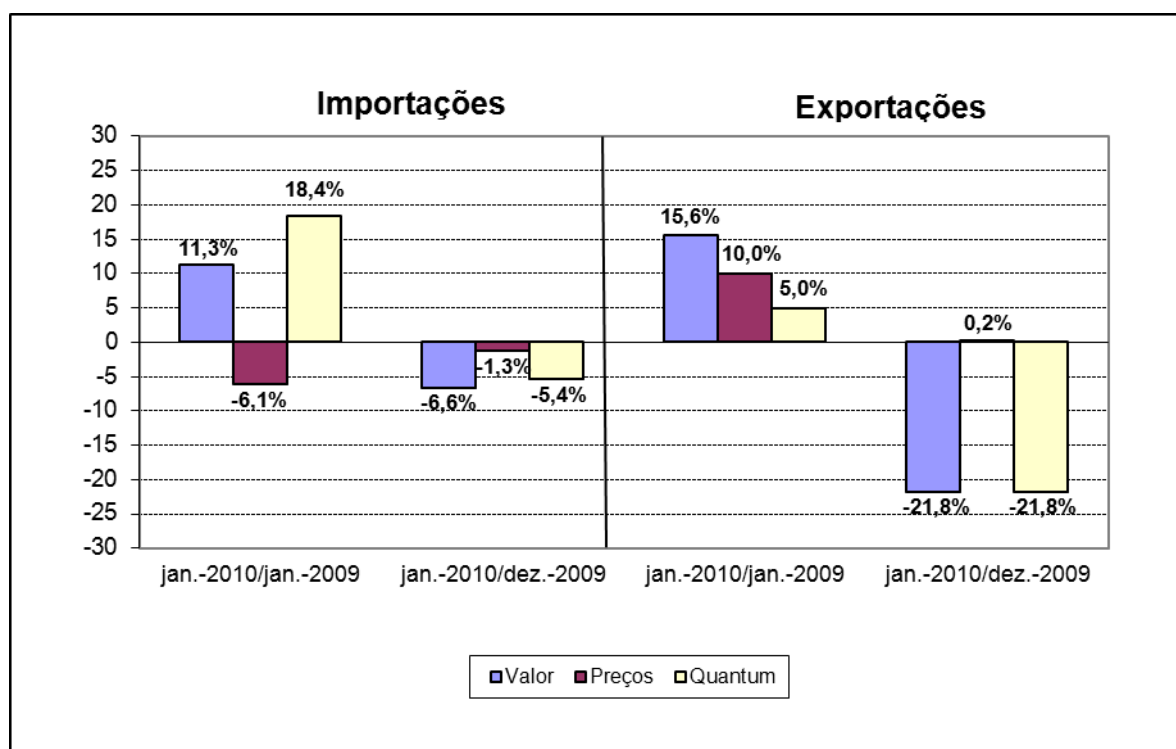
No que se refere ao comércio externo, constatou-se um saldo comercial negativo de aproximadamente US\$ 166 milhões em janeiro de 2010. A comparação com os dados de janeiro de 2009 mostra uma suavização do déficit comercial apresentado no primeiro mês do ano passado. Isto se explica pela base de referência depreciada por conta dos efeitos negativos da crise mundial sobre o comércio externo brasileiro. Por sua vez, a comparação com os dados de dezembro de 2009 revela uma expressiva deterioração da situação comercial externa brasileira no primeiro mês do ano corrente, devido à preocupante reversão do superávit comercial mensal observado desde fevereiro do ano passado.

Cotejando os dados de janeiro de 2010 com os do mesmo mês de 2009, verificou-se o aumento dos valores exportados (15,6%), em especial devido ao aumento do preço dos produtos de exportação (10,0%) com menor participação da elevação das vendas externas (5,0%), refletindo uma melhora no cenário internacional entre os dois períodos (Gráfico 4). No caso das importações, também ocorreu elevação na quantidade (18,4%), enquanto os preços apresentaram queda (-6,1%). Os valores importados em janeiro de 2010 aumentaram 11,3% em relação a janeiro de 2009. Portanto, o maior dinamismo das exportações em termos de valor e de preço no primeiro mês do ano corrente lançou sinais positivos, embora tímidos, de melhora do comércio externo brasileiro quando a base de referência se localiza no mesmo período do ano passado.

A comparação de dados do mês de janeiro de 2010 com os do mês de dezembro de 2009, porém revelam um cenário completamente distinto (Gráfico 4). Houve queda tanto das exportações (-21,8%) quanto das importações brasileiras (-6,6%). No caso das exportações, a liderança do comportamento descendente esteve com as quantidades exportadas (-21,8%), considerando uma certa estagnação dos preços (0,2%). Todas as categorias de uso apresentaram contração dos valores exportados em função da redução das quantidades no último mês analisado (janeiro). Os bens de capital e os bens de consumo duráveis puxaram o movimento de encolhimento das vendas externas brasileiras por conta da redução de suas quantidades exportadas no período. Isto revelou as dificuldades enfrentadas pelas exportações brasileiras no contexto do comércio internacional ainda debilitado e o provável redirecionamento da produção doméstica para o mercado interno.

Por sua vez, a queda das importações, considerando a pequena variação de preços dos produtos importados no mês de janeiro, também decorreu basicamente do comportamento das quantidades importadas. Com a exceção dos bens intermediários, todas as categorias de uso presenciaram contração de suas quantidades e valores importados em janeiro do ano corrente com relação a dezembro do ano passado. A recuperação marginal da produção física da indústria brasileira no último mês analisado (janeiro) pode ter contribuído para o estímulo à importação de bens intermediários. Contudo, a sustentação da demanda interna não foi acompanhada pelo incremento das importações de bens de consumo, indicando um provável redirecionamento do mercado consumidor interno para a produção doméstica.

**Gráfico 4 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações:
valor, preço e quantum (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

Dados preliminares de fevereiro indicam um superávit comercial de US\$ 394 milhões revertendo, de forma tímida, a negativa situação do comércio externo brasileiro no primeiro mês do ano, embora atingindo o patamar mais baixo para o mês de fevereiro desde 2002 (SECEX). Isto se deveu ao extraordinário crescimento das importações, que superou a também expressiva elevação das exportações no período, especialmente se comparado ao mesmo mês do ano passado. Adicionando o saldo negativo de janeiro, o primeiro bimestre de 2010 acabou registrando um superávit comercial bastante inferior ao do mesmo período do ano passado (-81,6%). Isto confirma a preocupante trajetória do comércio externo brasileiro em período de recuperação industrial.

A análise dos dados mais recentes mostrou, embora de forma preliminar, a recuperação da indústria brasileira, para a qual tem contribuído a reversão das expectativas negativas dos agentes econômicos e a sustentação da demanda interna, resultando em fortalecimento da produção e da criação de emprego formal na indústria. Desta forma, observa-se a persistência da recuperação anunciada no último trimestre do ano passado, gerando perspectivas mais promissoras para a produção e o emprego industrial no ano corrente. Entretanto, a pressão sobre o comércio externo brasileiro tende a se agravar em decorrência do maior dinamismo das importações comparadas à recuperação das exportações brasileiras, em cenário de lento restabelecimento das trocas internacionais, podendo provocar uma redução importante no saldo comercial.

A reconstrução de um cenário internacional mais favorável deverá contribuir para a revitalização do comércio internacional, embora nos países centrais a recuperação sustentada não deva ocorrer de maneira rápida. Os setores industriais mais dependentes do mercado externo poderão restabelecer sua inserção mais virtuosa no comércio mundial, mas ainda poderão encontrar dificuldades para retomar os níveis de atividade pré-crise. No

entanto, a confirmação da recuperação industrial e da efetiva reversão do cenário de crise dependerão em grande medida das condições de sustentação do dinamismo do mercado interno. O grande desafio continua sendo o fortalecimento das atividades de crédito, no sentido de possibilitar a sustentação da retomada do financiamento da produção e da demanda. Ademais, o papel pró-ativo da política monetária torna-se fundamental para a manutenção de um círculo virtuoso de aumento de produção, de emprego e de demanda.

Referências Bibliográficas

Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (FUNCEX). **Boletim de Comercio Exterior**. Janeiro e Fevereiro de 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física** (PIM-PF).

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior** (SECEX). Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados** (CAGED).

Organização das Nações Unidas (ONU). *United Nations Commodity Trade Statistics Database* (Comtrade).
